

**CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA**  
**A CINEMATECA COM O INDIELISBOA:**  
**DIRECTOR'S CUT**  
**5 e 7 de Maio de 2022**

**STRANGER THAN ROTTERDAM WITH SARA DRIVER / 2021**

*Um filme de Lewie Kloster e Noah Kloster*

Realização: Lewie Kloster e Noah Kloster / Argumento: Sara Driver / Direcção de Fotografia: Ben Klein / Som: David Britton e Tom Effinger / Narração: Sara Driver.

Produção: Tall Glass with Ice Productions / Cópia: Digital, colorida, falada em inglês com legendagem electrónica em português / Duração: 9 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

**TERRA FEMME / 2021**

*Um filme de Courtney Stephens*

Realização: Courtney Stephens / Argumento e Texto: Courtney Stephens / Música: Sarah Davahi / Som: Paul Hill / Montagem: Courtney Stephens e Dounia Sichov / Narração: Courtney Stephens.

Produção: Courtney Stephens / Cópia: Digital, colorida, falada em inglês com legendagem electrónica em português / Duração: 62 minutos / Inédito comercialmente em Portugal

\*\*\*

Sara Driver tem uma obra em nome próprio, relativamente esparsa, mas que devia e merecia ser mais conhecida (o último filme que realizou, **Boom for Real**, sobre a Nova Iorque dos anos 70 que viu despontar Jean-Michel Basquiat, até estreou cá em Portugal, mas é de crer que tenha passado naquela indiferença habitualmente votada a tudo o que não seja precedido pelo rufar dos tambores do *hype*). Mas também está intimamente ligada ao nascimento da “independência americana” na sua encarnação dos anos 1980, e em especial aos primeiros filmes de Jim Jarmusch, com quem viveu e colaborou durante vários anos. **Stranger than Rotterdam with Sara Driver** conta a história – pelas palavras de Sara – de um momento decisivo tanto na consolidação de uma expressão do “cinema independente americano” como nas vidas e carreiras de Jarmusch e Sara Driver: a feitura de **Stranger than Paradise**, o filme de 1984 que foi a segunda longa-metragem assinada pelo realizador americano e aquela que verdadeiramente o revelou ao “circuito” internacional a partir da sua passagem no Festival de Roterdão. Não era o primeiro filme de Jarmusch (esse foi **Permanent Vacation**, em 1980, um “filme de escola” que em parte também foi salvo pela exibição em festivais europeus) mas Jarmusch ainda estava longe de ser “o Jim Jarmusch”, o seu nome abria poucas portas ou nenhuma, o interesse suscitado pela “independência” ainda não atraía os apoios nem gerava a capacidade de sedução que depois veio a atrair e a gerar. Eram os tempos “selvagens” em que a “independência” ainda não se tinha tornado uma “instituição”, muito menos um “género”, e em que tudo estava, portanto, por inventar – a começar pela forma de produzir os filmes. E a produção de **Stranger than Paradise** foi particularmente aventureira e recheada de condimentos que, de facto, mereciam um filme – o espectador interessado pode procurar mais informações no catálogo que a Cinemateca dedicou a Jarmusch em 2006, ou na própria “folha” sobre esse filme. Algumas das peripécias aí contadas são mencionadas também no filme de Lewie e Noah Kloster (por exemplo, a importância dos alemães Wim Wenders e Otto Grockenburger), outras não (como a

prisão de Keith Richards no Canadá em 1977, e o filme de Robert Frank sobre os Rolling Stones, **Cocksucker Blues**, acabaram por ter um papel determinante na vida de **Stranger than Paradise**), e outras ainda não são mencionadas nem em escritos nem no filme, porque só se contam em “off” (mas **Stranger than Paradise** tem uma cena muito precisa que sugere o que de “incontável”, ainda hoje, teve a produção, e sobretudo o dinheiro para a produção, do filme de Jarmusch). **Stranger than Rotterdam** conta esta história de maneira rápida e imaginativa – com bonequinhos de animação à mistura com fotos, imagens de arquivo e outros documentos – pela voz de uma das principais testemunhas e intervenientes. É uma preciosidézinha, sobretudo para quem sentir ligação com o percurso de Jarmusch e Driver, e um testemunho cabal do que era a “independência” na sua época, digamos, pré-industrializada.

**Terra Femme** traz também uma voz de mulher a preencher o som e a narração em “off”, a voz da realizadora Courtney Stephens. Voz gravada, na versão que vamos ver, mas **Terra Femme** teve, no circuito americano, algumas exibições em versão muda com a própria realizadora presente na sala, a dizer o texto em “voice over”. É um filme de “found footage”, encontrada em filmes de viagem amadores dos anos 1920 aos anos 1940, todos feitos por mulheres – daí o título, um trocadilho com “terra firme”. *“Querida ver o que é que é que a narrativa da exploração tem para oferecer às mulheres”*, afirmou Stephens em notas sobre o seu filme. O que se vê é um pouco o oposto, e nas imagens, colhidas em vários continentes, nas mais diversas paisagens naturais, sociais e culturais, o que é realmente palpável é “o que é que as mulheres ofereceram à narrativa da exploração”, recuperando diversos fragmentos filmados por realizadoras amadoras que nesses anos em que o cinema era um modo de descobrir o mundo pegaram numa câmara e partiram à aventura, aventura pessoal e respectivo registo, e o relato “off” nunca é mais interessante do que quando conta algumas dessas histórias e nos faz imaginar as pessoas que estiveram por detrás da câmara – porque, de certa forma, também elas são “exploradas” por este filme. Até porque a voz off é muito dominadora, parece que suga a energia das imagens, raramente nos deixa a ficar sós com elas, preocupada como está em provar-nos que há alguma diferença nas imagens pelo facto de terem sido filmadas por mulheres. A “construção do ‘female gaze’”, como Stephens também referiu entre as suas preocupações. Mas **Terra Femme** demonstra que essa construção, paradoxalmente, tem muito mais a ver com um discurso sobre as imagens do que com a *mirada* expressa nas imagens.

Luís Miguel Oliveira